

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA



N.13

ANO 13
NOVEMBRO.2025
MACEIÓ.AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Lenilda Estanislau
Soares de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

TESOUREIRA

Maria Edna de Melo Silva

SECRETÁRIA

Maria do Socorro Tenório
Neto C. Alves

**COORDENADORA DA
COMISSÃO DE FORMAÇÃO
PSICANALÍTICA**

Nádima Carvalho
Olimpio da Silva

**COORDENADOR DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COMISSÃO CIENTÍFICA E
EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo
Heliane de Almeida Lins Leitão
Nidyanne Porfirio da S. Pires
Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira

**COORDENADORA DA COMISSÃO
DE COMUNICAÇÃO**

Stella Maris S. Mota

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão
estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol
CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

@gpalmaceio

LACAN: UM “SIGNIFICANTE”?¹

ESPERIDIÃO BARBOSA NETO

Doutor em Psicologia Clínica (Universidade Católica de Pernambuco).

Mestre em Psicologia Clínica. Especialista em Filosofia Política, Psicologia Social e

Psicopedagogia. Graduado em Psicologia. Professor da Universidade Federal de

Alagoas e Membro do GPAL.

RESUMO

A escrita lacaniana não é fácil de ser compreendida. Leitores dedicados a esses textos se esforçam; para quem inicia, a barreira pode ser angustiante. O desafio nos parece pertinente, considerando-se a ideia de significante e natureza do objeto de estudo. A descrição do sofrimento psíquico, e impossibilidade de deciframento último do inconsciente, não cabem em texto simples de ilusória clareza. O caráter opaco do ensino de Lacan é positivo na medida em que eleva a proliferação de significados, excluindo a possibilidade de sentido único da palavra e verdade

plena. Objetivamos associar o estilo do texto lacaniano à ideia de Significante, realçando o caráter “ilegível” de ambos e argumentando sua positividade. Abordaremos sobre o psicanalista Lacan, o significante, a ilusão de unicidade de sentido e verdade absoluta.

Palavras-chave: ensino lacaniano; sentido; letra; significante.

¹ Trabalho apresentado na 14ª Jornada da GPAL, Maceió-AL, 29-30/11/2024.

ABSTRACT

The writing of Lacan is not easy to comprehend. Dedicated readers of these make an effort; for beginners, the barrier can be distressing. The challenge seems pertinent to us, considering the concept of the signifier and the nature of the object of study. The description of psychic suffering and the impossibility of ultimately deciphering the unconscious cannot be contained in a text of simplicity and illusory clarity. The opaque character of Lacan's teaching is positive insofar as it elevates the proliferation of senses, excluding the possibility of a single sense of the word and full truth. We aim to associate the style of the Lacanian text with the idea of the Signifier, highlighting the "illegible" character of both and arguing their positivity. We will discuss the psychoanalyst Lacan, the signifier, the illusion of univocity of meaning and absolute truth.

Keywords: *Lacanian teaching; meaning; letter; signifier.*

INTRODUÇÃO

Eu tô te explicando
Pra te confundir
Eu tô te confundindo
Prá te esclarecer
(Tom Zé, 1976)

O estilo do texto lacaniano é complexo, há quem diga. Estranha leitura para iniciantes. O próprio Lacan (1985) se reconhece desafiador, ou de pouca clareza. Ele mesmo disse: “*esses Escritos não se lêem [sic] facilmente*” (p. 38).

Para entender, pelo menos, um mínimo de Lacan e seu ensino, é necessário pensar a ideia de *significante*. A marca, ou o traço, é a *letra* deste trabalho. Nosso objetivo é associar o estilo da construção do ensino de Lacan à ideia de *Significante*, realçando o caráter “ilegível” de ambos, com ênfase sobre a insustentabilidade de concepções *absolutistas* e *univocidade* de sentido. Apresentaremos 1) o psicanalista Lacan, brevemente, pontuando o estilo “opaco” do seu discurso; 2) o *Significante*, na relação paradoxal com a letra; por fim, 3) legibilidade, univocidade e verdade absoluta, positivando o caráter “ilegível”, para repercutir a inconsistência desses termos no campo da subjetividade.

LACAN

Jacques-Marie Émile Lacan foi, talvez, o mais célebre dos psicanalistas depois de Freud. Ele viveu

praticamente todo o Século XX (França, 1901-1981). Tornou-se médico psiquiatra. Sua tese de doutorado, em 1932, sobre *Psicose paranóica*, foi entregue, pessoalmente, a Freud, embora não se saiba a respeito da impressão do criador da psicanálise.

Lacan teve grande identificação com Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), Sören Aabye Kierkegaard (1813-1855), Sigmund Freud (1856-1939) e seu amigo Claude Lévi-Strauss (1908-2009), dentre outros.

Sua produção teórica se compõe de lições constituídas basicamente por seminários, com posterior transcrição para edições publicadas, sob orientação de Jacques-Alain Miller (25 *Seminários*). Os livros “*Escritos*” e “*Outros Escritos*” fogem ao modelo das transcrições. Nesse percurso, primeiro Lacan faz uma leitura das obras de Freud (os 10 primeiros seminários); depois, gradualmente, vai inserindo seus próprios conceitos, porém não deixando de retomá-los a partir do mestre.

Este ensino foi construído por avanços teóricos através de retornos. Como diz o próprio Lacan, em passagens da sua teoria, muitas vezes há que se dar dois ou três passos para trás na esperança de um à frente. Desse modo, o leitor não encontra determinado conceito em apenas um dos seus livros, capítulo ou item; cada ideia, paulatinamente elaborada, encontra-se disseminada por todos os textos. Miller (2002, p. 14) afirma: “*Lacan passa e volta a passar pelos mesmos pontos, dando-lhes sucessiva-*

mente diferentes leituras”. Acrescentamos nós: Isso nunca termina.

Miller (2002) observa que a obra lacaniana, para o leitor apressado, é extremamente opaca; nem sempre há segurança se a palavra empregada representa o sentido do uso habitual corrente. Tal efeito se deve à amplidão dos meios retóricos utilizados, recursos homófonos (mesma pronúncia) da língua, recorrência a pensadores de diversas áreas do conhecimento, formas de dizer e, sobretudo, de subverter ditos clássicos estabelecidos como “*verdades*”. Recursos estes que configuram o caráter discursivo, e nele, a primazia do significante.

O estilo lacaniano é pertinente à psicanálise freudiana, na medida em que se trata de deciframento do inconsciente. Os elementos desta dimensão iludem a censura da consciência, pelas diversas formas de aparição – espécie de furta-cor – a exemplo da *condensação* e *deslocamento* na teoria dos sonhos (Freud, 1972).

O SIGNIFICANTE

Somos feitos de imagens borradas; outras apagadas de vez. Marcas do

início da vida, não alcançadas pela memória. Mesmo fora da consciência, elas não se dissiparam. Sedimentam a realidade psíquica e, à revelia do sujeito, tramam; geram sentimentos/sintomas de toda ordem, cuja origem é ignorada.

No Seminário 9, Lacan (2011) diz que a experiência infantil não é idêntica à retomada dela posteriormente. Ele ilustra: mostra-se uma bola à criança; esconde-se a bola e mostra-se novamente, mas desta vez não é a mesma coisa. Isso para afirmar que *A é diferente de A*. $A=A$ é uma crença, diz o texto, porque “*A não pode ser A*” (p. 53). Então, cada experiência subjetiva é única: a cena original (traumática) é *Um*; a repetição dela é *Um*; a cada vez que o recalcado aparece é uma nova experiência, oriunda da mesma matriz.

O que desapareceu é um fonema, rastro do que se perdeu e espera ser lido. Melman (2004, p. 139) explica que é impossível retornar à sonoridade das primeiras experiências infantis, quando mãe e bebê se comunicavam por lalação. Não há memória capaz de reacender o que já se apagou, apenas o registro inconsciente da “*primeira escrita representativa do objeto*”. Lacan (2011) diz: aquilo que pode ser lido se compõe no *só depois*: “É somente muito mais tarde que encontramos o rastro [traço] de algo (...) que é significante” (p. 59).

Lacan visitou o Museu de Arqueologia Nacional Saint-Germain, na França. Viu uma costela de mamífero, registro de milhares de

anos. O osso tinha marcas, “*uma série de pequenos bastões, dois primeiramente, logo um pequeno intervalo, depois cinco, e depois recomeçando*” (Lacan, 2011, p. 58). Ele diz: não há semelhança entre eles, “*cada um desses traços não é, em absoluto, idêntico àquele de seu vizinho*” (p. 59). A diferença está na experiência do sujeito. E interpreta: sou caçador,

pegar um animal não era muito mais simples naquela época, [...] era uma aventura! Parece que logo após ter atingido o animal, era preciso bater nele longamente, para vê-lo sucumbir ao que era o efeito do veneno. Mato um, é uma aventura, mato outro, é uma segunda aventura que posso distinguir da primeira por certos traços, mas que se assemelha essencialmente à primeira, por estar marcada pela mesma linha geral. Na quarta vez, pode haver confusão, o que é que a distingue da segunda, por exemplo? Na vigésima, como é que me situarei, ou mesmo, como é que saberei que acabei com vinte? (p. 59).

O traço é metafórico. Em nós, essa marca é a *Letra*, resíduo fora

de qualquer contextualização aparente. Ela foi apagada, não pode aparecer, mas insiste, permanentemente, em forma de repetição. Apenas elemento mínimo e sem sentido; ponto de fixação do que foi recalçado e habita o inconsciente.

A letra não é significante, mas dá consistência a ele. Para Lacan (1985), tudo que encontramos na “escavação” da análise é letra, e ela não se esgota. Porém, somos barrados a ela, que mesmo assim insiste em transpor a barra, e quando isso ocorre temos o *Significante*. Este não quer dizer nada, a não ser quando faz cadeia com outros significantes é possível algum sentido. Neste caso, a função de letra cai, desliza, escorrega deixando apenas vestígio de sombra. Então, o significante é apenas uma relação.

A letra é paradoxal: ao tempo em que dá consistência ao significante ela pode emperrar a cadeia, mantendo-se em sua função de letra. Isto é, o objeto *a* pode funcionar como significante, ou não.

Um fragmento clínico: C. encontrava-se na análise há onze meses, completaria 36 anos de idade dali há duas semanas. Procurou o tratamento pelo fato de “não fazer as coisas de modo certo”: tarefas domésticas, negócios, casamento, gravidez (ainda não tinha engravidado), dentre outros. Até então, trazia à fala, embora aos poucos e fragmentadamente, um (ou uns) acontecimen-

to da infância: havia sofrido abuso sexual, mas não considerava ter sido “abusada”.

Numa sessão, disse ter descoberto certo termo com o qual se identificava: “me sinto segundo a definição dessa palavra”. O problema é que não se lembrava qual a palavra, embora tivesse trazido à mente nos últimos dias, inclusive antes da entrada na sala de análise. Persistia em se lembrar, sem êxito: “estou bloqueada”. Sugeri que falasse sobre outras coisas, o que fosse lhe surgindo; depois poderia se lembrar daquilo que procurava. Ainda assim, a paciente não conseguia falar.

Tentei escutar o silêncio de C.: “por favor, enquanto não consegue, vá me falando o que se passa na mente, sejam fragmentos ou pedaços de memória, coisas tolas, sem sentido, mesmo os absurdos que passam pela sua cabeça; qualquer sonoridade”. Funcionou, ela se pôs ao esforço: “é... a palavra é... *ensistada* – não, não é nada disso” (apressou-se em corrigir). Depois: “*ensistida* – não, não; mais longe ainda... *Insistida*... *insistir*, *insitada*... (ia esclarecendo a grafia: com “s”), *ensitada*... – não, ainda não é a minha palavra, é o som que me confunde”.

Nesse ponto, observei: “você pronunciou ‘excitada’, ou não?” Ela fez silêncio, e não negou a pertinência da pergunta; depois admitiu o termo – “tem a ver comigo, sim, mas não é a palavra que procuro”. Fiz a paciente notar que o termo “excitado” tinha a ver com sua queixa (a procura de outros homens além do marido). É nesse momento que C., jubilosamente, encontra o que procurava: “‘enquistada!’, eis a palavra!”.

O dicionário Aurélio (Ferreira, 1989) oferece, à palavra da paciente, o termo “*enquistar*” (p. 291), cujo significado conduz ao substantivo quisto – transformado em *quisto*: “*cavidade fechada onde se acumulam secreções que, anormalmente, não podem escoar-se*” (p. 613). Desse modo temos, por um lado, “*enquistada*”, por outro, “excitada”. Esta última como “achado”, uma outra verdade do sujeito a partir dos significantes “ensistada”, “ensistida”, “insistida”, “insistir”, “insitada”, “ensitada”.

C. viveu, na infância, experiência masturbatória com um adulto. Não soube dizer se uma ou mais vezes, nem de qual homem se tratava. Também não se lembrava quem começou aqueles manuseios recíprocos (enquanto acariciava o órgão genital masculino, ele tocava a genitália dela). A paciente fez uma ressalva: “não sei quem iniciou, mas entendo, agora, que ele não devia ter feito aquilo”.

Outro ponto importante, neste caso, foi sua queixa ao iniciar a análise: “não conseguir fazer nada certo”. Até ali, ela não relacionava o

sintoma à experiência infantil (traumática). O sofrimento pelo qual buscou o tratamento consistia, dentre outros, à procura de homens, pelos quais “era atraída” (fato este muito vergonhoso para ela, visto sua moral rígida a ponto de repugnar o próprio modo de sentir); também havia o fato de não conseguir engravidar: “às vezes eu nem quero, ou não posso”. De qualquer modo, ela incluía certos tipos de “descuidos” no cotidiano, no rol dos seus “erros”.

O sintoma é patrimônio do sujeito, no tratamento ele não é dirimido definitivamente. O efeito do trauma, especificamente se tratando do real, sempre pode ser contornado, cujas elaborações simbólicas abrem-se para novas vertentes de sentido; por isso nunca se esgota. É graças a isso que o trabalho psíquico tem êxito e cada um segue a vida. C. avançou no tratamento, inclusive tendo iniciado uma gravidez bem sucedida; o filho nasceu depois da análise.

O pensador Sören Kierkegaard (2008), frequentemente citado na escrita lacaniana, utiliza o método da dialética hegeliana para pensar o conhecimento e, sobretudo, a angústia do homem. Trata-se da rela-

ção entre dois contrários cujo desdobramento faz surgir um terceiro como nova posição. Isto é, a tese, a antítese e a síntese, de modo que esta última não é uma ou a outra, e menos ainda o somatório das duas anteriores; ela é alternativa. Esse filósofo vai além de Hegel; ele avança mostrando que a síntese não chega a se consolidar como tal. Na dialética kierkegaardiana a síntese, na medida em que vai se produzindo como solução entre os dois contrários, já aponta para algo que lhe faz oposição. Desse modo, o processo é infinito, sempre se jogando com os contrários, cuja síntese não se constitui como última solução. A verdade última é opaca.

Outro caso clínico ilustra bem este efeito analítico, segundo o artigo *Corpo cuidado, esquecido e simbólico* (Barbosa Neto; Rocha, 2013). O tratamento deu mostra de seu final quando o paciente, após significativas mudanças, compreendeu o fato de que precisava cuidar de outras coisas da sua vida, pois havia sofrido desejada transformação: “*Finalmente, convenceu-se de que todo o progresso obtido foi, apenas, provisório, haveria de procurar, durante a existência, sem descanso, uma nova forma de ser*” (p. 21). Ela se compreende inacabada.

LEGIBILIDADE, UNIVOCIDADE, VERDADE ABSOLUTA

Aquilo que se apresenta com sentido explícito é pobre porque subestima a inteligência hu-

mana, limitando vertentes de sentido. Nada existe sem lacuna, segundo o olhar humano. O que aparece completo é ilusório (“sou um livro aberto”).

Uma escrita, quanto mais ilegível for, maior a possibilidade de sentidos. Lacan (2011), ao fazer a leitura das marcas no osso pré-histórico do museu da França, parece nos dizer que a sua não é única. Ou seja: o caráter ilegível do objeto impossibilita sua elucidação definitiva, e este é o caso do humano.

Pensemos o método *Rorschach* (2009). Suas *manchas* apontam para respostas inimagináveis, fora de qualquer padrão. Seria congruente vê-lo como um “tesouro gerador de significantes”, embora não exatamente à referência lacaniana? O “exato” não é da ordem do humano; contar uma história de modo reto, com início, meio e fim, calculadamente, omite a natureza subjetiva. Guimarães Rosa (1994), ao pensar a existência, diz: “*Eu atravesso as coisas [...]. A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é (sic) muito perigoso?*” (p. 42). A “travessia” la-

caniana é cheia de retornos e repetições diferenciadas, a cada vez ela ancora em lugar diferente.

Se o significante é ilegível devido a sua própria natureza, apreendê-lo exige uma espécie de chafurdo psíquico e consequente ginástica mental. Não por acaso, o próprio Lacan (1985) se reconhece ilegível. Referindo-se ao livro sobre a *letra*, ele disse: “*esses Escritos não se lêem [sic] facilmente [...]. Eu pensava que eles não eram para ser lidos*” (p. 38). E, no mesmo seminário 20, cita autores desse quilate, tais como Philippe Sollers (escritor francês, nascido em 1936) e James Joyce (no seu último romance, *Finnegans Wake*, publicado em 1939). Assim, pensamos os autores criativos de um modo geral.

Se, ainda, a natureza da cadeia significante é produzir sentido infinitamente, não há *verdade absoluta*, nem *sentido* único em cada coisa ou palavra. O ensino lacaniano nos provoca nessa direção, abstendo-se de fórmulas, cujas ferramentas para o saber são dadas prontas. Nesse contexto (do significante lacaniano), o significante é elevado à dignidade de sobreposição ao significado, marcado com S (maiúsculo), cuja barra que os separa é densa. Quer dizer, ele é primazia, e o sujeito (significante) é barrado a uma significação última. Essa barreira intransponível impede um todo-saber, e ao fazê-lo retroalimenta a proliferação significante. Desse modo, não há o último; o inacabado é a condição do humano: “*um signifi-*

cante, por seu lado, nunca é o único e nem é absoluto” (Miller, 2002, p. 108).

Associar livremente conduz à função significante da palavra, rompendo-se o código linguístico convencional. O sentido prolifera a partir do “sem-sentido” aparente. Como diz o poeta: de “*vez em quando é bom se perder / Perdido fica perguntando / Vai só procurando e acha sem saber*” (César, 2017).

A escuta do analista fecunda essa função significante àquele que não sabe nomear seu sofrimento. Forbes (2014, p. 47) conta sobre a primeira sessão de um paciente: o homem, certamente, teria escutado repetitivos dizeres do tipo “eu sei o que o senhor está passando”; “imagino seu sofrimento”; “posso avaliar pelo quanto tens sofrido”, etc. Ali, na análise, este homem “*perguntou, com voz sofrida e embargada*”, se ele, o analista, “*tinha alguma ideia do que era acordar pela manhã, pegar a bengala, olhar a porta do banheiro entreaberta e não saber se ainda iria conseguir me(se) levantar*”. A resposta do analista foi imediata: este se aproximou “*para responder delicadamente, mas com*

firmeza: *‘Eu não tenho a menor ideia!’*”. Nessa condição, afirma Jorge (2022, p. 96), o analisando foi *“instado a falar sem se pré-ocupar com o sentido do que diz, sem se sentir coagido pela vergonha que algo pode lhe causar, sem se interrogar com o que o analista vai achar acerca do que ele está dizendo”*.

Sofrimento psíquico não é um termo absoluto; a dor é subjetiva. O analisando, enquanto fala, funda a escuta de si mesmo; daí, podemos dizer que o falante escuta significantes a partir das suas próprias palavras. Sim, na medida em que a fala, na análise, tem como destino o próprio sujeito, ele produz sentidos diferentes em relação às mesmas palavras ou frases pronunciadas antes e durante o processo analítico, também conforme os momentos da análise.

No contexto do que apresentamos, o estilo *significante* não se reduz ao processo clínico. Não confundimos o trabalho da escrita com o analítico, apenas observamos que Lacan utiliza, metódica e propositadamente, a significantização; ele parece seguir a lógica *significante* para com o leitor/psicanalista. Marco Antônio C. Jorge (2022) afirma que pelo fato de o analista ser atravessado pelo inconsciente, ele deve *“esperar que a significação inconsciente seja produzida em algum momento”* (p. 109), e, na sequência, pontua: *“Lacan resume essa atitude formulando que o analista não deve introduzir seus significantes na análise do sujeito”* (p. 110), porque isso levaria o analisando a

associar a partir de significantes – mestres, isto é, da sugestão, desse modo impedindo à dimensão de significantes do próprio sujeito. Então, há de esperar, também, que o leitor psicanalista produza além do que se encontra escrito, no caso, o ensino lacaniano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lacan não se fez para ser compreendido, mas pensado. Ele se vestiu de *significante* para que seja inconclusa a elucidação do *objeto*, evitando a falsa ilusão de completude. Seu ensino proporciona um saber inacabado, cuja construção, reformulada durante a trajetória da vida pessoal, possa inovar-se posteriormente a sua morte. Assim, cada reformulação dos seus conceitos não desconsidera as posições anteriores; o todo é constituído como espécie de teia. Não se conhece a teoria lacaniana detendo-se, apenas, às últimas lições. Lacan foi inventado para ser criado e recriado.

O defeito de Lacan é não dar *spoiler* (do inglês *“to spoil”*: estragar; tipo de informação, ainda que sutil, reveladora do enredo de um filme, livro, etc.); o papel do lei-

tor/psicanalista é descobrir e recriar. Para a psicanálise, desde Freud, não é ético dar/produzir/revelar o sentido supostamente “último” de representação do afeto (salvo certos encaminhamentos, e de forma gradual); mas apenas auxiliar o analisando nesse processo.

Voltando à epígrafe com a qual foi iniciado o presente texto, o compositor utiliza os termos *confundir* e *esclarecer*, nesta ordem (“Eu tô te explicando / Pra te confundir; Eu tô te confundindo / Pra te esclarecer”). Segundo nossa leitura, o primeiro caso (“*confundir*”) seria na direção de aguçar o ouvinte/leitor quanto ao discernimento diante da complexidade humana, desafio ao pensar e avaliação de sentidos possíveis. Na segunda frase, o termo “*esclarecer*” conduziria a um saber não dado; aquilo que se aprende/apreende não pela imagem ou resultado final, mas via questionamento além do explícito.

REFERÊNCIAS

- Barbosa Neto, Esperidião; Rocha, Zeferino (2013). Corpo cuidado, esquecido e simbólico. *Revista SBPH*, vol.16, nº.2, pp. 7-24. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v16n2/v16n2a02.pdf>
- Cesar, Chico (2017). Deus me proteja. *Álbum: Francisco, Forró y Frevo* – Discos do Brasil..
- Ferreira, Aurélio B. H. (1989). *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Nova Fronteira.
- Forbes, Jorge. (2014). A análise lacaniana hoje: ingredientes, indicações e modos de usar. In: *Psicanálise: a clínica do real* (pp. 39-49). Forbes, J. & Riolfi, C. São Paulo: Manole (edição em pdf). Disponível: <https://www.livrariaonlineebp.com.br/produtos/psicanalise-a-clinica-do-real/>
- Freud, Sigmund (1972). Interpretação de sonhos. In: *Edições Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Jorge, Marco Antonio C. (2022). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v. 3: a prática analítica. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kierkegaard, Sören (2008). *Migalhas Filosóficas*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1844).
- Lacan, Jacques (1985). *O seminário - livro 20: Mais ainda*. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1975).

Lacan, Jacques (2011). *A identificação (Seminário 9)*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife (Trabalho original publicado em 1962).

Melman, Charles. (2004). A fobia da escrita. In: Melman, C. (2004). *O significante, a letra e o objeto* (pp. 137-144). Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Miller, Jacques-Alain. (2002). *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Rorschach, Hermann (2009). *Rorschach-Test: Psychodiagnostik*. Switzerland: Verlag Hans Huber, Bern (lâminas: 1 a 10).

Rosa, Guimarães (1994). *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2025
Publicado originalmente em novembro
de 2025 em www.gpal.com.br



